
EUCLIDES NETO

ESCRITOR BRASILEIRO

— Cid Seixas —

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Euclides Neto é um escritor nascido no sul da Bahia e pertencente à geração de ficcionistas de 45, com seus tormentos e conquistas do após guerra. No Brasil, essa geração, de caráter complexo, veio amadurecer e ampliar os recursos do chamado Romance de 30, eclodido no nordeste.

No caso das obras escritas por autores da região cacaueira da Bahia, foi construído um novo e significativo filão temático, que vai de Jorge Amado a Adonias Filho, incluindo Euclides Neto.

Cid Seixas

Euclides Neto, Escritor Brasileiro

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA

DO LIVRO DIGITAL

**Coleção
e-poket**

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Denise Teixeira (LITERA)

Flávia Aninger Rocha (UEFS)

Massaud Moisés (In Memoriam)

Vitor Hugo Martins (UNEB)

<https://issuu.com/e-book.br/docs/euclides-neto>

<https://issuu.com/cidseixas/docs/euclides-neto>

www.linguagens.ufba.br

www.e-book.uefs.br

2018

Sumário

Obras de Euclides Neto,
página 7

A Fortuna Crítica de Euclides Neto,
página 9

Um Pequena Grande Obra,
página 11

Vozes sufocadas,
página 19

Euclides Neto e a decadência
do ciclo do cacau,
página 31

Histórias
do povo da roça,
página 45

O Contista Euclides Neto,
página 63

Conto, Novela e Romance
nos Astuciados de Euclides Neto
página 69

Referências e Bibliografia
página 79

Obras de Euclides Neto

LIVROS IMPRESSOS

- 1 Berimbau (1946)
- 2 Vida Morta (1947)
- 3 Os Magros (1961)
- 4 O Patrão (1978)
- 5 Comercinho do Poço
Fundo (1979)
- 6 Os Genros (1981)
- 7 64: Um Prefeito, a Revolução
e os Jumentos (1983)
- 8 Machombongo (1986)

- 9 O Menino Traquino (1994)
- 10 A Enxada (1996)
- 11 Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores (1997)
- 12 Trilhas da Reforma Agrária (1999)
- 13 O Tempo é Chegado (2001)
- 14 Obras Completas, 13 vol. (2014)

E-BOOKS

- 15 A última Caçada (2017)
- 16 O Advogado e o Burro Ladrão (2017)
- 17 Cinco Histórias da Roça (2017)
- 18 O bocado não é para quem faz (2017)

A Fortuna Crítica de Euclides Neto

Desde o momento em que foi iniciada a publicação das obras escolhidas de Euclides Neto pela E-Book.Br que anunciamos o plano de disponibilizar a sua fortuna crítica.

Como a responsável pelo projeto de edição das Obras Completas do Autor, Denise Teixeira, conseguiu reunir dezenas de textos críticos, objetivamos aproveitar esse rico material e juntá-lo às dissertações de mestrado e teses de doutorado já defendi-

das, que têm por objeto o estudo da produção desse escritor grapiúna da geração de 45.

Infelizmente ainda não tivemos acesso aos originais revistos por Denise Teixeira de todo o acervo crítico, o que retardou o início das publicações digitais.

Entenda o leitor que esse livrinho da coleção E-Poket, reunindo alguns dos nossos textos dispersos, em torno da escrita de Euclides Neto, é apenas uma forma de iniciar o trabalho e reiterar o propósito de possibilitar a todo e qualquer leitor o acesso à fortuna crítica euclidiana.

Uma Pequena Grande Obra

Euclides Neto é um escritor nascido no sul da Bahia e pertencente à geração de ficcionistas de 45, com seus tormentos e conquistas do após guerra. No Brasil, essa geração, intrinsecamente complexa, veio amadurecer e ampliar os recursos do Romance de 30 eclodido no nordeste.

No caso das obras escritas por autores da região cacauzeira da Bahia, entre as quais fulguram as criações de Jorge Amado e de Adonias Filho, os romances de

Euclides Neto ganham cada vez mais ressonância, desde que foram tomados como objetos de estudo em dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Nos anos 90 – já se passaram mais de vinte anos –, um colega de atividades jornalísticas, o escritor Elieser Cesar, procurou-me para ser seu orientador no mestrado em literatura. Respondi que aceitaria, caso se dispusesse a estudar a obra de um escritor então desconhecido para ele, Euclides Neto. Emprestei-lhe os livros que dispunha e Elieser iniciou seu estudo pioneiro.

Bem lembro o quanto fiquei silente e secretamente emocionado quando Elieser Cesar contou quando foi ao hospital apresentar o volume da dissertação a Euclides Neto que, assim, ainda em vida, pôde ver os caminhos que se abriam à sua longa vereda ficcional.

Mas isso é apenas o princípio de uma história: aberta a picada, outros pés transformaram o caminho de roça em uma estrada que leva ao amanhecer com léguas de promessa.

Publicada em edições de pequena circulação, sem ter ainda uma única tiragem por editora de grande porte, essa obra é conhecida e respeitada principalmente na Bahia. Muitos estão convencidos que bastará uma só edição por um dos principais livreiros do país para que o público culto brasileiro passe a incluir o autor entre os nomes de destaque surgidos nos anos pós-guerra. Embora dez anos mais novo do que Adonias Filho, ambos publicaram seus romances de estreia em 1946.

Os servos da morte e Birimbau são obras dispare, posto que Adonias já passara por uma frutífera experiência em livros, jornais e revistas enquanto Euclides

fazia sua primeira aparição como escritor com os toques sincopados e vacilantes desse romance de um jovem estudante de direito.

Enquanto as narrativas longas constituem o gênero mais constante no universo dos seus treze livros publicados, os contos têm lugar de relevo graças à qualidade da escrita e ao pleno domínio da fabulação. Somente no final do século XX, precisamente em 1999, Euclides Neto reuniu seus contos, com vistas a um volume enfeitando tudo que havia produzido no gênero. Nasceu assim o livro constelar *O tempo é chegado*, cuidadosamente lançado pela Editus, de Ilhéus, em 2001.

Estudiosos e teóricos da narrativa são quase unânimes em afirmar o muito de força e densidade exigido para a construção de um conto; enquanto na novela ou no romance o lento transcurso dos aconte-

tecimentos, a imitar a impassível passividade do tempo, não exige igual tensão.

O grande Jorge Amado, por exemplo, cuja escrita era solta e ligeira, como as traquinagens de Exu, só conseguiu o melhor de si no romance, ou na novela de infundáveis peripécias. Foi, assim, autor de apenas um ou dois contos. Contrariamente, Graciliano Ramos, mais chegado ao constante refazer e refinar do texto, mesmo em um “romance” como *Vidas Secas*, construiu uma sequência de contos exemplares, interligados por uma estrutura novelesca.

O Euclides Neto da maturidade, admirador de artesanias refinadas pelo trabalho constante, como as de Graciliano Ramos, no Brasil, ou de Miguel Torga, em Portugal, tornou-se um contista de qualidades admiráveis.

Se na construção dos seus romances, ao longo dos anos, o aprendizado era acrescentado à tessitura da obra, a brusca erupção dos contos resultava da plenitude de recursos. Desse modo, os contos de Euclides Neto só podem ser equiparados aos seus melhores romances.

Esperando permitir a todo e qualquer leitor interessado em um fácil acesso à obra do autor é que foi criada esta série de livros, iniciada com os contos escolhidos para compor *A Última Caçada*, primeiro volume de e-books euclidianos. Já neste segundo livrinho digital, concebido, pelas dimensões reduzidas, para ser lido, principalmente, em tablets e celulares, escolhemos apenas um conto do autor, *O Advogado e o Burro Ladrão*.

Romanticamente, a conhecida figura do doutor Zequinha é retratada com resíduos do idealismo e da personalidade do pró-

prio autor, que vez por outra transborda na sua escrita ficcional. Observe-se que esse personagem aparece de modo emblemático também em uma das novelas do livro *Os genros*.

Tudo isso urdido com o engenho e a arte de Euclides Neto – para maior deleite do leitor.

SEIXAS, Cid. Uma pequena grande obra. In: EUCLIDES NETO. *O advogado e o burro ladrão*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. <https://issuu.com/euclides-neto/docs/2>



EUCLIDES NETO
O ADVOGADO
E O BURRO LADRÃO

<https://lattes.com/leucides-neto/docs/2>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Vozes Sufocadas

Quando o menino Euclides Neto começou a ler os primeiros livros, o realismo social dos regionalistas de 1930 dava as contribuições mais frutíferas à literatura brasileira, levando suas consequências até Portugal, com o Neo-Realismo.

De um lado, a densidade de alguns escritores, do outro, o honesto engajamento com o homem e sua realidade abriram novos caminhos para a criação literária,

onde a solidariedade e o humanismo se confundiam com os projetos estéticos.

É dentro desse quadro que o cronista e ficcionista Euclides Neto continua pintando suas paisagens e retratando o que viu e viveu. É essa mesma solidariedade, com implicações políticas ou religiosas, que marca de modo indelével, aqui com implicações de uma ideologia humanista, a escrita desse homem da terra.

Os Magros é um romance da juventude do autor, agora reeditado como forma de reafirmar a sua perfeita sintonia com a obra da maturidade. O velho Euclides Neto, ex-prefeito de Ipiaú, onde desenvolveu um modelo planejado de reforma agrária, ex-secretário de Estado, onde queria fazer bem mais, continua sendo o mesmo escritor solidário ao homem, como nos tempos das auroras puras. Seu texto tem um objetivo maior: dar voz a todos aque-

les que foram sufocados pelas injustiças sociais.

Mas não se trata apenas de um discurso bem intencionado. Muitos existem. Trata-se de um discurso literário situado e datado. Situado na zona cacauera da Bahia. Datado da primeira metade do século, quando a cultura do cacau atingiu o seu esplendor.

Mas, desafiando o calendário, o discurso engajado de Euclides Neto continua abrindo espaço nestes anos de fim de século, quando o esplendor do ciclo do cacau foi inócuo para atenuar a pobreza e a miséria de muitos que, com suas mãos, construíram toda aquela riqueza.

* * *

Contam que o poeta Manuel Bandeira perguntou a Adonias Filho:

– O que o sul da Bahia produz, além do cacau?

– Produz escritores, respondeu Adonias.

O cacau foi destruído pela praga e a riqueza pela falta de visão daqueles que pensavam que o ouro é um bem eterno. Mas os escritores, estes sim, ficaram e são hoje o patrimônio maior da nação grapiúna. Sosígenes Costa, Jorge Amado, Florisvaldo Matos, Ildásio Tavares, Adonias Filho, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos, Jorge Medauar, Euclides Neto e tantos e tantos mais que convém não tentar citar a todos, porque muitos seriam esquecidos.

* * *

É do fato de ser situado e datado que nascem as virtudes e os defeitos de *Os Magros*. As conquistas formais de Graciliano Ramos, o grande construtor e o sur-

preendente estilista de magreza dessa geração, deixaram, sem dúvidas, marcas na escrita de Euclides Neto. Algumas indesejáveis e desnecessárias, que ressoam como ecos inúteis. A cadela dessa família de vidas magras do romance euclidiano não tem nome de peixe, mas se chama Sereia. A proximidade eufônica e marinha com Baleia cria no leitor preconceituoso a expectativa de um pastiche.

Mas *Os Magros* não tem nada de pastiche ou imitação simplória. É obra autônoma que testemunha o engajamento da escrita de um homem comprometido com sua terra e, principalmente, com a gente que vive nela.

É verdade que Euclides Neto constrói seu romance observando alguns pontos de identidade com *Vidas Secas*. Dialogando com essa obra, ampliando suas conquistas. E isso confere atualidade e interesse

ao romance agora reeditado. A viagem intertextual de *Os Magros* sugere inúmeras abordagens e reclama a atenção da crítica acadêmica, universitária, para o texto euclidiano.

Aliás, já é tempo das pesquisas de pós-graduação na Bahia, com suas dissertações e teses, se voltarem para a produção da comunidade na qual está inserida. Naturalmente, não se chega longe trabalhando os autores mais jovens, cujas obras ainda não percorreram a implacável circularidade imposta pelo tempo, mas é preciso estudar aqueles que se inscreveram num momento da história literária que já pode ser contemplado com o necessário distanciamento crítico e emotivo.

Ler este romance de Euclides Neto implica em reler e compreender a recepção do realismo social trazido pelo romance de 30. Já podemos observar quando a sim-

ples imitação se transforma em diálogo intertextual destinado a levar adiante uma conquista, a reforçar um projeto ideológico ou estético.

Duas narrativas paralelas constroem a textura romanesca de *Os Magros*. A primeira, erigida à condição de eixo da obra, é a dos magros trabalhadores de aluguel numa roça de cacau. A outra, a dos gordos proprietários, entra como contraponto, numa regularidade empobrecedora. Ao retomar o livro nesta nova edição o autor poderia ter revisto o caráter mecânico do contraponto. A narrativa, de um capítulo para outro, alterna o cenário da magreza rural com a entediante fartura urbana dos donos de terras e gentes. A previsibilidade é um elemento empobrecedor. Mesmo quando tem pouco a dizer, o autor impõe uma pequena narrativa contrapontística, criando uma monótona regularidade. Que-

brar um pouco a mecânica regular desse contraponto daria mais ritmo ao livro.

É esse contraponto que – ao contrário do que acontece em *Vidas secas*, onde os contos em torno de uma mesma família se encadeiam formando uma novela – propõe a estrutura do romance. No livro de Euclides Neto as duas narrativas distintas se escrevem como linhas cruzadas, mas também, como na obra de Graciliano, alguns capítulos funcionam como contos autônomos. Alguns são verdadeiros momentos de elevada escrita, como o capítulo XIII, onde após a morte de um dos filhos de João, o gerente da fazenda persegue os meninos pelo mato. Página autônoma e antológica, um dos momentos altos do livro.

Voltando aos pontos críticos, a oposição entre a miséria dos magros protagonistas e a opulência dos senhores da terra

parece demasiadamente esquemática, conservando aí uma ingenuidade analógica à das primeiras obras de um Jorge Amado, por exemplo, que nos romances da juventude via todos os pobres como bons e todos os ricos como maus. Tanto que Jorge revê essa forma de maniqueísmo nos romances da maturidade, por isso talvez chamados de romances burgueses pelos patrulheiros trogloditas, aos quais o velho Engels diria que falta dialética.

Quando Euclides Neto opõe a miséria do casebre em que vivem as nove pessoas da família de João à fartura do “palacete” em que a fazendeira mora praticamente sozinha, o impacto do contraste é quebrado pelo excesso de tintas que pintam a riqueza com um realismo ingênuo. Isso ocorre no segundo capítulo do livro, no qual a casa do Doutor Jorge é chamada de *palacete* e suas excelências são acintosa-

mente decantadas. O efeito seria melhor, se o contraste fosse mais discretamente mostrado. Claro que isso agrada aos antigos comunistas de carteirinha, mas foi por isso mesmo que nos anos do patrulhamento stalinista o bom texto se afastou das arengas do Partido.

Essas marcas do realismo socialista tornam o livro demasiadamente datado, para alguns leitores, especialmente aqueles que apreciam a capacidade de um escritor de rever as suas obras ano após ano. É o que fazia, por exemplo, Miguel Torga, autor admirado por Euclides Neto. Poucos dias antes de morrer, Torga revia a vigésima edição de um dos seus livros de contos, apagando deles as marcas demasiadamente circunstanciais.

Tal desprendimento faria de *Os Magros* um livro bem mais vivo e permanente porque, não tenhamos dúvida, se trata de uma

obra que deve ser lida e conhecida por milhares de leitores, permitindo o livre soar dessas vozes sufocadas que, ouvidas, ajudariam as pessoas a passar muitas coisas a limpo.

SEIXAS, Cid. Vozes sufocadas. Salvador, *A Tarde*, 11 mar. 96, p. 7, Coluna “Leitura Crítica”. Republicado em *Triste Bahia. Oh! Quão Dessemelhante*. Salvador, Secretaria da Cultura, 1996, p. 142-146.



Euclides Neto e a decadência do ciclo do cacau

O livro do escritor e jornalista Elieser Cesar *O romance dos Excluídos: terra e política em Euclides Neto*, de 2003, nasce como um estudo essencial para a compreensão de um segundo momento da ficção grapiúna. Se Jorge Amado e Adonias Filho, para vislumbrarmos dois marcos de altitude relevante na literatura brasileira – um da geração de 30 e o outro da geração de 45 –, constroem o inventário épico da fundação de uma nova cultura de léguas

prometidas nas terras do sem fim, Euclides Neto fixa a sua obra no momento de apogeu e prenúncio da decadência desta mesma cultura do cacau.

Elieser Cesar observa que Euclides Neto retoma a saga da região do cacau onde Jorge Amado parou: na consolidação da lavoura cacaueira e do seu processo civilizatório. Embora o leitor polêmico possa discordar desta afirmativa, quando feita de modo peremptório, lembrando que o próprio Jorge Amado já propõe o desdobramento da sua saga, focando a substituição dos desbravadores pelos herdeiros, a afirmação de Elieser Cesar não cai no vazio, pois é com Euclides Neto, contemporâneo e protagonista deste segundo ciclo, que o foco se desloca dos momentos heróicos para os momentos da simples e pura exploração do trabalho dos homens e mulheres de eito. Os novos “coronéis da

cidade” vivem exclusivamente do usufruto de uma terra por outros lavrada.

Na monumental síntese do chamado ciclo do cacau, por ele mesmo construído, Amado não se limita em *Tocaia Grande – a face obscura* a percorrer os velhos caminhos da sua ficção. Ele se reapropria dos seus temas e tipos para anunciar o processo de degeneração dos heróis trágicos da epopéia grapiúna em bufões de uma tragicomédia macabra. É o que ocorre claramente na construção de uma personagem caricata e metonímica como o bacharel Venturinha, novo coronel de gabinete; em tudo antagônico à figura emblemática do ex-jagunço Natário da Fonseca, investido das funções de capitão descobridor e fundador de Tocaia Grade, uma nova Canudos nascida do sonho dos excluídos.

Se o capitão Pedro Álvares Cabral funda, nas mesmas terras do sul da Bahia, uma

nação para uso e proveito del-Rei, o capitão Natário da Fonseca intenta fazer resurgir uma outra Canudos, uma cidadela também sitiada e exterminada, até mesmo no nome. Entre Tocaia Grande, reduto de bravos, e Irisópolis, metonímia de uma nação corrompida, se interpõe a face obscura.

Convém observar que esse livro da maturidade de Jorge Amado, publicado nos anos oitenta, é posterior à vertente do trabalho de Euclides Neto, iniciada com *Os Magros*, de 1961. Consideradas as datas, podemos repetir a afirmação de Elieser Cesar, segundo a qual Euclides Neto retoma a saga onde Jorge Amado parou.

“Em Euclides Neto não vemos mais a expansão e a cristalização do poder dos coronéis. Em seus livros não temos mais a ligação telúrica do proprietário

com o solo da promessa e do lucro. A fazenda é, em geral, o meio pelo qual o proprietário vive de rendas.

Diríamos que este escritor enceta a história da decadência das terras do cacau, iniciada quando o proprietário, herdeiro do antigo coronel, já não vive na fazenda, mas em Salvador, numa luxuosa mansão e entrega todos os cuidados da roça ao capataz, aguardando apenas a remessa dos lucros para sua conta bancária.” (Cesar, 2003, p. 12.)

Para traçar a analogia a partir de fraturas entre o fulcro do conjunto das obras de Jorge Amado sobre a região do cacau e o cerne dos romances de Euclides Neto que constituem a “tetralogia dos excluídos”, o estudioso parte da identidade entre os dois romancistas: a luta de classes nas terras do cacau. Nesse percurso de

aproximação, o livro está centrado nos romances *Os Magros*, de 1961, *O Patrão*, de 1978, *Machombongo*, de 1986, e *A enxada*, de 1996, enquanto integrantes do painel caracterizado por Elieser Cesar como uma tetralogia dos excluídos.

Para a compreensão do texto de Euclides Neto enquanto retomada dos modelos da literatura comprometida com o realismo e a raiz telúrica dos anos 30, o autor recua ao romance social do século XIX, traçando um painel sumário de um século: 1830-1930. Em seguida, como antecessor imediato da eclosão da tetralogia de Euclides Neto, Cesar vai buscar os fundamentos e ensinamentos marxistas postos em prática na coleção *Romance do Povo*, dirigida por Jorge Amado e publicada pela Editorial Vitória, de 1953 a 1955, incluindo vinte obras tomadas como arquétipos do realismo socialista.

“Impulsionada pelos propagandistas do regime soviético, em várias partes do mundo, a discussão sobre o realismo socialista granjeou defensores fora da URSS, conquistando a simpatia das democracias populares e dos partidos comunistas dos países capitalistas. A partir de 1948, inflamou também os escritores brasileiros, sobretudo aqueles ligados ao Partido Comunista Brasileiro”. (Cesar, 2003, p. 43.)

Autor de ensaios, crônicas e romances, Euclides Neto se iniciou nas artesanias da escrita com a geração emblemática de 45, marcada pela fusão do veio telúrico dos anos 30 com os tumultos e as exigências de um mundo novo que se refazia. Convém reafirmar, portanto, que Euclides Neto pertence, cronologicamente, à geração literária de 45: tendo nascido em 1925, pu-

blica dois romances da juventude que precedem *Os Magros*. São eles – *Berimbau*, em 1946, e *Vidas Mortas*, em 1947. Desse modo, o homem e o escritor vivem as inquietações ideológicas comuns aos jovens dos anos 40 e 50, inquietações essas que irão refletir as preocupações de um Brasil marcado por golpes, tentativas de golpes e governos instáveis, dos anos 30 aos 60, quando ele inicia a sua tetralogia, um pouco antes de se abater sobre o país a longa ditadura militar de 64. O tom inflamado que, às vezes, parece ecoar ingenuamente as obras de Jorge Amado e de Graciliano Ramos representa uma tentativa de responder, nos anos 60, aos mesmos problemas sociais que atravessam incólumes a primeira metade do século.

“Publicado em 1961, *Os Magros* é, do ponto de vista estilístico, o mais ouso livro de Euclides Neto. Escrito com

a técnica do contraponto, o romance é a história de duas famílias opostas em tudo e diferenciadas pela miséria e pela opulência. Novamente encontramos o *leitmotiv* da obra do escritor grapiúna: a luta de classes nas terras do cacau da Bahia. Em *Os Magros* podemos identificar um diálogo intertextual com dois outros romances da literatura brasileira, ambos representantes da temática social nordestina dos anos 30: *Cacau*, de Jorge Amado, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.” (Cesar, 2003, p. 81.)

Se o romance *Os Magros* é considerado por Elieser Cesar como o livro de Euclides Neto mais ambicioso na sua estrutura literária, *Machombongo* ocupa idêntico lugar no que diz respeito à concepção política. Resgatando do esquecimento os anos de chumbo do regime mili-

tar e a heróica resistência de alguns brasileiros mais ousados, o romancista se vale de personagens reais, como o deputado Haroldo Lima, e de personagens quase fictícios, como o coronel Rogaciano Boca Rica, para fixar o painel das grandezas de poucos e das misérias de muitos, sob as botas dos generais-presidentes.

Na fixação do contexto social em que surge o primeiro romance da tetralogia dos excluídos, Elieser Cesar remete o leitor para o final dos anos 50 e o início dos anos 60, quando os ideais nacionalistas e de esquerda entravam em choque, no plano continental, com o imperialismo e as garras das águias norte-americanas e, no plano nacional, com fome no campo, gerada pelo latifúndio improdutivo.

Curiosa é a relação feita entre *Os Margos* e um romance publicado no ano anterior: *Irmão Joazeiro*, de Francisco Julião

(1960). Pouca gente sabe que o conhecido deputado e líder das Ligas Camponesas também se valeu da literatura como arma de combate político e social. É possível que o romance de Julião não tenha chegado ao conhecimento de Euclides Neto, mas as lutas dos trabalhadores rurais, bem como a criação da Sociedade Agrícola dos Trabalhadores de Pernambuco, núcleo da organização camponesa que precedeu os atuais movimentos pela reforma agrária, por certo não escaparam ao olhar atento do escritor grapiúna.

No mesmo ano em que Euclides Neto publica *Os Magros*, ocorre a sua eleição para prefeito de Ipiaú, culminando com a desapropriação de terras improdutivas para a implantação de uma propriedade coletiva destinada a possibilitar a agricultura de sobrevivência a centenas de trabalhadores rurais que alugavam sua força e seu suor às grandes propriedades dessa região de

monocultura. A concretização da utopia do prefeito-escritor passou a ser conhecida como Fazenda do Povo e, com o golpe de 1964, Euclides Neto quase foi arrancado do cargo para o qual foi eleito e a sua mais importante obra de caráter social foi esmaecida, por parecer aos donos do poder e à lógica das baionetas um perigoso precedente comunista.

Nesse livro, *O romance dos Excluídos: terra e política em Euclides Neto*, Elieser Cesar considera o autor de *O Patrão* o nosso último escritor militante de esquerda. Ao tempo em que empreende uma abordagem crítica da importante tetralogia desse ficcionista baiano, não descuida de possibilitar ao leitor uma contextualização indispensável à compreensão dos romances estudados.

A edição do presente trabalho crítico de Elieser Cesar, que foi originalmente a dissertação com a qual obteve o seu Mestrado

em Letras pela Universidade Federal da Bahia, coube a uma iniciativa da Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz. Como se sabe, a UESC está localizada em Ilhéus, na estrada que liga esta centenária cidade a Itabuna, outro importante pólo da região sul da Bahia. Com a publicação do estudo consagrado à tetralogia de Euclides Neto, a Universidade da zona do cacau presta uma importante contribuição aquilo que a região tem de mais rico: a cultura da invento, representada pela presença solar dos escritores grapiúnas.

SEIXAS Cid. Euclides Neto e a decadência do ciclo do cacau. Salvador, *Iararana*, nº 10, dezembro de 2004, p. 71-73.



Euclides Neto

A ÚLTIMA CAÇADA

(contos)

e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

http://www.editorauniversitariadigital.com.br

Histórias do povo da roça

A narrativa de Euclides Neto é tributária direta das fontes populares rurais, notadamente da região sul da Bahia, marcada pela opulência e pela miséria das roças de cacau. Esse singular escritor baiano nasceu nos heroicos anos de bravatas e astúcias desbravadoras do modernismo brasileiro e morreu em abril do último ano do século passado, sem viver as esperanças do novo milênio. Escritor ilustrado nos bancos e páginas da academia,

com pleno domínio do registro padrão da língua culta, Euclides Neto optou por um projeto de incorporação das formas, substâncias, conteúdos e expressões populares ao seletto clube da literatura culta.

Recusando-se utilizar as fontes populares como signos do exótico e do pitoresco, mas se valendo de tal riqueza como ampliação dos estreitos corredores da fabulação erudita, esse singular narrador conseguiu atingir o domínio pleno da arte da escrita inventiva no seu derradeiro livro: *O tempo é chegado*, publicado postumamente, em 2001, pela Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, com o selo da Editus.

Os 29 textos do livro, organizado para publicação quando o autor já estava fragilizado pela doença que o levaria à morte, apresenta atributos diversificados, desde contos exemplarmente bem constru-

ídeos, que figuram entre os melhores da Literatura Brasileira do século XX, até as narrativas que resvalam para o pitoresco e o divertido. Além dos contos, uma crônica foi anexada às 28 histórias, “Socorro, senhores médicos”, que já no título evoca as incertezas do homem em busca da cura. Trata-se, portanto, de um texto de valor notadamente documental e biográfico que ameaça romper o equilíbrio dessa obra madura e resultante da melhor performance de um escritor em constante processo de aprimoramento.

“A rica fazendeira de cacau”, “Briga de galo” e outros contos que teimam em falar alto na memória do leitor juntam-se ao exemplarmente fulgurante “A última caçada”, narrativa curta do mais alto quilate, que merece ser incluída em toda e qualquer antologia do conto brasileiro moderno – que se pretenda essencial.

A escrita engenhosa de Euclides Neto confere à narrativa o trânsito entre dois espaços, primitivamente unidos e depois dissociados pelo discurso acadêmico: os espaços da Literatura e da História. Nesse lugar de reunião ancestral, onde a arte de narrar mira mais os ouvidos do que os olhos, a experiência cotidiana e o saber comunicável transitam e se realimentam nos interstícios dos sujeitos do discurso, onde quem ensina aprende e o aprendiz é uma ensinança.

Os narradores perdidos no interior do tempo-espaço, ou guardados e defendidos, preservados, portanto, nas dobras e nos lugares ocultados de cada cultura, destilam o sabor e o saber da narrativa primordial. Euclides – Neto e avô de saberes narrados, não obstante as leituras modernas e contemporâneas que o tornaram um profissional cultivado nos moldes da acade-

mia – retornou à fonte primitiva, perdida no interior da terra e do homem, para beber o elixir da linguagem esquecida.

Nesta fonte da eterna juventude dos povos, o narrador apenas conta e transmite experiências, saberes ou mesmo dissabores.

O narrador moderno e contemporâneo profana a história contada, junta o mito à imagem de novos deuses da razão, isto é, casa o conto, ou o astuciado, com a sua explicação. Já o narrador primordial, apenas, narra – porque tudo é novo, misterioso e inexplicável.

A narrativa literária que a modernidade nos legou é marcada pela sanção da lógica que a tudo explica. O escritor dos nossos dias conta uma história que já contém em si mesma uma explicação dos fatos narrados; ou, muitas vezes, a explicação dos fatos, que nos é sugerida, constitui o

desdobramento ou o desenlace da narração. A explicação e a compreensão confundem-se e transmutam-se na própria narrativa. Portanto, nada mais distante do mito do que esse tipo de narrativa engendrado pela razão crítica. Daí o fato da tradição moderna destacar, desde o século XIX, um tipo de narrativa como pertencente ao gênero fantástico. Opondo-se à ideia de realismo literário, surgiu a noção de realismo-fantástico, porque o fato narrado que não contém sua própria explicação ultrapassa os umbrais da realidade narrativa.

Euclides Neto faz o narrador das suas histórias recuar ao tempo do mito, onde o que se conta não precisa de outra legitimação além do próprio contar. Onde História e Literatura, hoje dois saberes distintos, eram uma só narrativa. Os velhos cronistas foram os pais dos novos historiogra-

fos, gerando tais filhos quando esposaram uma virgem então inacessível: a compreensão do fato narrado.

No vórtice dessa viagem, unindo tempos antagônicos, Euclides Neto constrói o poder de sedução da sua escrita, chegando ao magma, à lava, ao cristal das histórias reunidas no livro *O tempo é chegado*.

A multitemporalidade que se pode converter em atemporalidade, faz as narrativas de Euclides Neto resvalarem para o estranhamento; para um espaço insólito ou uma terra de ninguém, evocando em alguns contos do autor a reminiscência de algo que está desaparecendo. Benjamin, no livro *Magia e técnica, arte e política*, edição de 1987, ao estudar as características do narrador na obra de Nikolai Leskov, observa que as características orais da arte de narrar estão em processo de extinção, porque a sabedoria – “o lado épico da ver-

dade” – não encontra espaço numa sociedade marcada pelo desaparecimento das relações interpessoais construídas no trabalho, nas atividades e ofícios em que a troca de experiências constituía a produtividade. Para o filósofo,

“esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular de forças produtivas.” (Benjamin, 1987, p. 201)

Podem-se evocar algumas ideias desse pensador da escola de Frankfort, a propósito da ficção de Euclides Neto e da sua busca de caminhos na esfera do romance, para achá-los, depois, na prática do conto, quando realiza a maturidade da sua arte

de narrar. Benjamin observa que a tradição oral, que é característica da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente diversa de tudo aquilo que viria a definir o romance como forma literária. As formas narrativas que aspiram romper com a tradição da cultura ágrafa se afastam da tradição oral, dos contos de fada e das lendas, buscando novos saberes na transmissão escrita da ciência.

Por outro lado, há formas narrativas menos preocupadas com a compreensão do admirável mundo novo e mais comprometidas com a transmissão da velha e renovada experiência adquirida no dia a dia das pessoas. Aqui se fala, particularmente, de um aspecto do conto de Euclides Neto. O narrador primordial retira da própria experiência, ou da experiência relatada por outras pessoas, as coisas que são incorporadas à sua história.

No panorama do conto brasileiro do século XX, Euclides Neto configura os traços do narrador benjaminiano; como alguém que vem de longe e conta aos seus ouvintes a experiência e a sabedoria trazidas de lugares mágicos, porque defendidos pelas brumas do desconhecido. Essa distância configurada no saber no narrador é, segundo Benjamin (p. 202), o longe espacial das terras estranhas e o longe temporal contido na tradição.

Para o filósofo neo-hegeliano, somos pobres em histórias surpreendentes mesmo quando somos torpedeados por notícias de todos os cantos do mundo, porque os fatos que constituem as notícias já chegam acompanhados de explicações. Benjamin entende que a maior parte do que é veiculado está a serviço da informação, em detrimento da narração; e afirma textualmente: “Metade da arte narrativa está em evitar explicações.” (1997, p. 203)

É essa ausência de intervenção da lógica e do pensamento explicativo que assegura a permanência, na memória do leitor, tanto das antigas narrativas históricas, construídas pelos cronistas e escrivães reais, quanto do conto, de ontem ou de hoje, fundado em tais bases estruturais.

Para elucidar o raciocínio aqui desenvolvido a propósito dos contos de Euclides Neto e do seu lugar no quadro da literatura brasileira do século XX, vejamos o que diz o pensador da escola de Frankfurt:

“Cada vez que se pretende estudar uma certa forma épica é necessário investigar a relação entre essa forma e a historiografia. Podemos ir mais longe e perguntar se a historiografia não representa uma zona de indiferenciação criadora com relação a todas as formas épicas. Nesse caso, a história escrita se relacionaria com as formas épicas como

a luz branca com as cores do espectro. Como quer que seja, entre todas as formas épicas a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável. E, no amplo espectro da crônica, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada se estratificam como se fossem variações da mesma cor. O cronista é o narrador da história. Pense-se no trecho de Hebel, citado acima, cujo tom é claramente o da crônica, e notar-se-á facilmente a diferença entre quem escreve a história, o historiador, e quem a narra, o cronista.” (Benjamin, 1987, p. 209)

E acrescenta ainda:

“O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamen-

te contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através dos seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna. Na base de sua historiografia está o plano da salvação, de origem divina, indevas-sável em seus desígnios, e com isso desde o início se libertaram do ônus da explicação verificável.” (Benjamin, 1987, p. 209)

Para o filósofo, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada estão presentes no amplo espectro da crônica, uma vez que o cronista seria o narrador da história. A diferença entre esse cronista e o historiador, para Benjamin, reside no fato de o último ter como escopo explicar os fatos e episódios com que lida, enquanto o cronista precisa, apenas, bem represen-

tar o ocorrido, a exemplo dos cronistas medievais citados como precursores da historiografia moderna.

Herdeiro dessa forma narrativa, pela via da tradição oral que também a alimentou, Euclides Neto substitui a explicação plausível pela lógica da fábula, identificando a estrutura do seu texto com a do mito. A narrativa mítica não precisa explicar aquilo que narra pois ela mesma já é uma explicação para o que ainda não se explica.

Se o mito é uma narrativa primordial destinada a buscar compreender o que ainda está velado, ou uma espécie de discurso aleatório para vislumbrar o que não se explica, ele antecipa a fala do sujeito que tenta, no divã, tagarelar à toa sobre o que não sabe. Assim é a narrativa dos casos da roça, em *O tempo é chegado*, que vela e revela o que somente se entrevê.

Autor de ensaios, crônicas e romances, Euclides Neto iniciou-se nas artesanias da

escrita com a geração emblemática de 45, marcada pela fusão do veio telúrico dos anos 30 com os tumultos de um mundo novo que se refazia. Ao longo de doze livros publicados em vida, o escritor desenha a cartografia de um percurso e as perdas e ganhos de um percalço, para deixar como herança da sua obra de escritor multiface, polígrafo, um livro póstumo que é uma *espiral parabólica* no panorama da nossa literatura.

Utilizo a expressão *espiral parabólica* no sentido de lugar geométrico: plano de um ponto que se move com velocidade constante ao longo de uma reta; girando, por sua vez, com movimento uniformemente acelerado em torno de um ponto fixo.

Simples e complexa, ingênua e maliciosa, divertida e cismada, dissoluta e contrita, ilusória e densa são adjetivos que escorrem, numa cascata cambiante de

oxímoros, a dialogar entre si no faz de conta da prosa maneira de Euclides Neto.

Ora aceitando os desafios da escrita literária do seu tempo, ora recuperando o pensamento silvestre que escorre num dedo de prosa matuta, o texto narrativo de Euclides Neto contempla a reapropriação do pensamento selvagem, no sentido proposto por Lévi-Strauss. O contista de *O tempo é chegado* transita com desembaraço entre espaços marcados pela incompatibilidade, promovendo a alquimia da criação artística que transmuta a dureza dos metais na ductilidade do difuso.

Os contos reunidos nesse livro de guardados, achados e perdidos, chegam sorrateiros, como o matuto que pede licença para entrar nas casas da cidade, com gestos silenciosos e humildes. Mas sua entrada, não obstante a suavidade matreira, é acompanhada por uma luminosa inquietação. O gosto e o saber estabelecidos são

delicadamente postos em suspenso no curso de um astuciado que nos leva de volta a lugares descolonizados pelo pensamento selvagem.

A ingênua simplicidade dos contos de fadas estão a serviço de uma dicção culta, ampliada pela experiência do homem e da mulher que vivenciam uma outra cultura, subterrânea e subjacente como um lençol freático a dessedentar os exaustos caminhantes de uma seara massificada e exaurida por um vendaval de informações.

SEIXAS, Cid. Histórias do povo da roça. Comunicação ao II SIMPÓSIO INTERNACIONAL TEMPO, HISTÓRIA E LITERATURA, com o título *Fontes populares no conto de Euclides Neto*. Feira de Santana, UEFS, 2002.

Euclides Neto
**O BOCADO NÃO É
PARA QUEM FAZ**

(Conto)



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

O Contista Euclides Neto

No caso, a letra inicial da palavra Contista deve ser escrita com maiúscula, por uma exigência da qualidade dos textos curtos desse memorável escritor grapiúna. Embora só tenha organizado seu primeiro livro de contos em 1999, aos 72 anos de idade, depois de ter legado 12 títulos à Literatura Brasileira, Euclides Neto deve ser incluído na primeira linha dos modernos contistas da Bahia, a exemplo de

Adonias Filho, Hélio Pólvora, Vasconcelos Maia e outros grandes nomes.

Já foi dito que, se a indesejada das gentes não o tivesse colhido um ano depois de concluir *O tempo é chegado*, interrompendo esta bem urdida vertente da sua escrita criativa, Euclides Neto teria plenas chances de ser reconhecido entre os melhores contistas brasileiros.

A narrativa longa foi o seu espaço inicial de criação, tendo publicado o primeiro romance – *Birimbau* – em 1946, em plena efervescência das obras modelares da geração de 45. No ano seguinte, apareceria *Vida morta*, girando em torno das desventuras de um estudante pobre e, somente em 1960 Euclides estabeleceria um frutífero diálogo intertextual com Graciliano Ramos, através do romance *Os Magros*. Até hoje essa obra reverbera o seu

canto solo que sugere um dueto com a concisão admirável de *Vidas secas*.

Outros romances – entre os quais se destaca, em plena maturidade, *Macombongo*, de 1986 – confirmariam a qualidade da produção literária do personalíssimo criador de histórias das terras do cacau.

Não se pode dizer que Euclides Neto só tenha praticado o conto no final do século XX. Era um contista bissexto, com presença notável e destacada em antologias regionais. Entre essas pequenas peças, convém ressaltar o admirável conto “A última caçada”, que agora dá título ao presente volume.

Não se pode deixar de buscar uma analogia temática entre essa narrativa euclidi-ana e o conto “O caçador”, de Miguel Torga. Ambos os autores, o português das montanhas e o brasileiro das roças de cacau, guardam entre si uma clara identida-

de telúrica: a vivência mais densa e substancial da realidade ficcionalmente recriada. Torga e Euclides têm lugar ímpar nas literaturas de Portugal e do Brasil como escritores a dar voz a milhares de mulheres e homens silenciados pela miséria e pela opressão do contexto social.

* * *

A série constituinte do Acervo Euclides Neto foi criada pela E-Book.Br, Editora Universitária do Livro Digital, com o fim de disponibilizar na internet textos desse admirável ficcionista baiano. Embora a sua obra completa tenha sido publicada no ano de 2013 pela Edufba, a distribuição precária por uma editora de pequena circulação impede que o leitor brasileiro tenha acesso a esse pouco difundido patrimônio da moderna literatura brasileira.

Mediante autorização da família do autor, os seus textos serão aqui publicados em formato digital para leitura gratuita, sem prejuízo de novos livros impressos que venham a aparecer, para satisfação do público interessado nas edições gráficas, com seus encantos e vantagens.

A última caçada é uma seleção de contos, incluindo tanto aqueles publicados em vida pelo autor, quanto os que se tornaram conhecidos após a sua morte, em *O tempo é chegado*. Esse último é uma reunião dos contos completos de Euclides Neto, dada à luz pela Editus, a Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESB) – que tem o mérito de ter publicado, em 1997, o *Dicionareco das roças de cacau*, no qual o ficcionista dá destaque à terminologia regional da sua gente real e dos seus personagens ficcionais.

Outros livros de contos virão enriquecer este acervo, enquanto se planeja para breve a publicação da *fortuna crítica* do autor, permitindo aos estudiosos uma visão diversificada do legado literário de Euclides Neto.

Em seguida, romances e outros gêneros de obras completarão este projeto de inserção do autor no cotidiano do grande público leitor.

SEIXAS, Cid. O contista Euclides Neto. Apresentação do livro eletrônico *A última caçada*. Copenhagen, E-Book.Br / Issuu, 2017, p. 9-12. <https://issuu.com/euclides-neto/docs/1>

Conto, Novela e Romance nos Astuciados de Euclides Neto

Graciliano Ramos compôs uma das suas obras principais, o romance *Vidas secas*, utilizando a técnica de sequenciamento de histórias. Para apresentar o painel de fome e miséria do nordestino, ele escreveu vários contos, através dos quais os personagens – tangidos do sertão pela seca – cumprem o destino comum de crianças, mulheres, homens e bichos do lugar.

Técnica de construção análoga marca o livro *Os genros*, publicado por Euclides

Neto, em 1981, e igualmente caracterizado como romance. Na segunda edição, de 2014, como um dos treze volumes das suas obras completas, o também contista e romancista grapiúna Cyro de Mattos, na apresentação, revê a denominação tradicional, consagrada por ficcionistas, livreiros e outros agentes, levando os editores a classificarem o livro como uma novela.

Os estudos universitários dedicados à narrativa de ficção, desde o século passado, puseram em cheque a denominação desses (sub) gêneros – conto, novela e romance – derivados de um dos três grandes gêneros clássicos: o lírico, o épico e o dramático. No Brasil, foi o estudioso de origem libanesa Massaud Moisés, autor de livros essenciais dedicados à literatura, o primeiro a abordar a questão de forma objetiva e esclarecedora.

Ainda nos anos cinquenta do século passado, ele esboçou uma teoria que em

1967 ganhou destaque no livro *A Criação Literária*, obra que na edição mais recente, de 2012, expõe os seus conceitos em quase mil páginas de informações especializadas. Criticando a diferenciação entre a novela e o romance, através do critério quantitativo, ele lança as bases do que hoje aceitamos com relativa concordância e incerta unanimidade.

Com a presença do estruturalismo nas ciências humanas, na segunda metade do século passado, o critério quantitativo na caracterização das narrativas de ficção deu lugar ao critério qualitativo. Verificou-se que o número de páginas não define o gênero a que pertence um texto. A diferença decorre da sua estrutura, da organização dos fatos narrados. Desse modo, considera-se conto uma narrativa que trata de um único episódio, de uma história simples, reunindo poucos personagens e situações que dão corpo ao que é contado.

A novela seria uma sequência de episódios, ou de contos, ligados por um ou mais personagens ou situações. Desse modo, tanto narrativas de poucas páginas, como *Vidas Secas*, ou de muitas e muitas páginas, como *As mil e uma noites*, são – igualmente – novelas.

Vitor Hugo escreveu uma série de romances que – reunidos – formam a obra intitulada *Os miseráveis*. Alguns personagens ora ocupam um lugar central, ora secundário nos cinco livros, ou nos cinco romances que constituem o conjunto. O elo que dá unidade a essa novela é o destino do personagem Jean Valjean, condenado a duas décadas de prisão e trabalhos forçados, por ter roubado um pão para matar a fome dos filhos da sua irmã.

Já no livro *Os genros*, de Euclides Neto, o elo é a sequência de astuciosos que têm como cenário a cidade ficcional de Beira Rio. Além do lugarejo, que dá unidade às

narrativas, alguns personagens reaparecem aqui e ali, como o fofoqueiro Bispo Lopes, uma espécie de doido manso do lugar, a quem era permitido dizer em voz alta as verdades mais inconvenientes e sussurradas, por todos, aos pés dos ouvidos.

É o criador desse mundo de astúcias quem diz, à página 20: “Vamos construir uma cidade e nela colocar os personagens.”

Mas a ligadura dessas narrativas é constituída por um conjunto de personagens bem peculiares. São os caça-heranças, que almejam uma vida confortável, vencendo na “profissão” mais rendosa das terras do sem fim, o cobiçado ofício de genros dos abastados fazendeiros de cacau, no tempo das vacas gordas.

Assistindo de camarote às infundáveis e contraditórias lengalengas das discussões teóricas sobre os gêneros literários, o autor, com suas parabólicas antenas de artista, bispa os imbróglios em que se enrascou.

Assim é que, já no primeiro parágrafo de *O bocado não é para quem faz*, Euclides Neto mete o bedelho:

“Ao menos os leitores abelhudos devem ter criado um grude nessa estória mal amanhada. Quando hoje se tem os casos liquefeitos na televisão, só gente besta vai prender-se no enredo de romance, tanto mais deste que nem se sabe se é romance mesmo ou simples desfastio de quem pretende espantar frustração.”

Com tais palavras, aparentemente ingênuas e despretensiosas, ele assinala o fato de não ver a obra da qual foi extraída esta narrativa como um romance, mas como um conjunto de causos interligados.

O episódio – ou o conto – escolhido para formar este e-book é uma exceção temática. Enquanto quase todos os genres são espertos doutores de anel no dedo e pouca aptidão para o trabalho, o humilde Nozinho é um homem pobre, trabalhador e

honesto, cujo destino é aturar de bom grado a velha sogra, que causou perdas e danos nos lares da filharada.

Tão pobre quanto o genro, Veialita percorreu as casas dos parentes mais abastados até esbarrar no casebre dos dois: Nozinho e Nozinha, marido e mulher, vivendo ao deus dará.

Assim como as histórias de *Os genros* têm seus personagens recorrentes, alguns deles reaparecem também ao longo de outros livros do autor. Tanto o popular e boquirroto Bispo Lopes quanto o esforçado advogado conhecido como Doutor Zequinha são velhos conhecidos dos leitores de Euclides Neto.

Esse último, pode-se afirmar, é um *alter ego* do escritor grapiúna. No e-book *O advogado e o burro ladrão*, o mesmo Doutor Zequinha aparece como um advogado sem posses a cuidar dos interesses dos seus ainda menos abastados constitu-

intes. Neste novo livro eletrônico, a Veialita refere-se ao filho da comadre Lourdes: “Você se lembra de Zequinha... aquele menino amarelo, cheio de pereba na cabeça, de tanto piolho”. E completa a informação biográfica: “É advogado. Foi pra Bahia, se empregou lá com um padre e chegou formado.”

Sabe-se que Euclides Neto, quando estudante, saiu do interior e foi fazer direito na capital da Bahia, onde para se manter trabalhou com um padre e ex-professor do colégio. Não sendo de família de posses, levou uma vida de aluno pobre, até chegar à condição de advogado, escritor e fazendeiro – mais comprometido com o meio ambiente do que com os resultados imediatos da produção e do negócio.

A narrativa que vamos ler, em seguida, é marcada por fina ironia e bem apurado conhecimento psicológico do contexto que compõe o cenário dos acontecimentos.

Graças a esses traços, o texto do artesão Euclides Neto proporciona, simultaneamente, ao mais exigente exegeta e ao mais despreocupado dos leitores – em busca do prazer e da alegria – o que de melhor a arte da escrita pode nos dar.

SEIXAS. Cid. Conto, novela e romance nos astuciados de Euclides Neto. Apresentação do livro eletrônico *O bocado não é para quem faz*. Copenhagen, E-Book.Br / Issuu, 2017, p. 11-18. <https://issuu.com/euclides-neto/docs/4>

euclides neto
Os genros

NOVELA



 Littera

Referências e Bibliografia

- BENJAMIN, Walter; HORKEIMER, Max; ADORNO, Theodor; HABERMAS, Jurgen. *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1980, 346 p.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CESAR, Elieser. *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*. Ilhéus, Editus, 2003.
- EUCLIDES NETO. *Berimbau*. Salvador, Edição do Autor, 1946.
- EUCLIDES NETO. *Vida morta*. Salvador, Edição do Autor, 1947.

- EUCLIDES NETO. *Os magros*. Salvador, Edição do Autor, 1961. (2ª ed., São Paulo, Guena & Bussius, 1992, 164 p.)
- EUCLIDES NETO. *Os genros*. São Paulo, GRD, 1981, 132 p.
- EUCLIDES NETO. *Machombongo*. Itabuna, Letras, 1986, 216 p.
- EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*. São Paulo, Littera, 1996, 165 p.
- EUCLIDES NETO. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. Ilhéus, Editus, 1997, 128 p.
- EUCLIDES NETO. *O tempo é chegado; contos*. Ilhéus, Editus, 2001, 156 p.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo, Nacional, 1976, 330 p.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.
- SEIXAS, Cid. Conversa de chifre enroscado. Artigo sobre o livro *Dicionareco das roças de cacau e arredores*, de Euclides Neto. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 2 fev. 98, Caderno 2, p. 7.
- SEIXAS, Cid. Vozes sufocadas (Sobre o romance de Euclides Neto). Salvador, *A Tarde*, 11 mar. 96, p. 7 (Coluna “Leitura Crítica”).

Republicado em *Triste Bahia, Oh! Quão dessemelhante. Notas sobre a literatura na Bahia*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo, 1996, 157-162.

SEIXAS, Cid. Dois momentos da obra de Euclides Neto. Seara (Salvador), *Seabra*, v. 1, n. 1, 2004. <http://www.seara.uneb.br>

SEIXAS, Cid. *Triste Bahia. Oh! Quão Dessemelhante. Notas sobre a literatura na Bahia*, Salvador, Letras da Bahia, 1996.

SEIXAS, Cid. *Euclides Neto e as fontes populares*. Trabalho apresentado na mesa-redonda Literatura e realidade: do local ao transnacional. In SIMPÓSIO INTERNACIONAL TEMPO, HISTÓRIA E LITERATURA. Feira de Santana, UEFS, 2002.

HUGO, Vitor. *Os miseráveis*. Lisboa, Minerva, 1962. (A edição original de 1862, em 5 volumes, foi publicada pelos editores A. Lacroix, Verboeckhoven & Ce., nas seguintes cidades: Leipzig, Bruxelas, Budapeste, Milão, Roderdã, Varsóvia, Rio de Janeiro e Paris.)

Formato 100 x 160 mm
Times New Roman 14 x 17,5
Número de páginas: 84

<https://issuu.com/e-book.br/docs/euclides-neto>
<https://issuu.com/cidseixas/docs/euclides-neto>
www.linguagens.ufba.br
www.e-book.uefs.br

Cid Seixas é escritor e jornalista. Doutor pela USP e Professor Titular da Universidade Federal da Bahia.

Teve acesso, pela primeira vez, a um livro de Euclides Neto em 1996, quando escreveu o artigo “Vozes sufocadas”.

A partir daí, incluiu o estudo desse autor nos cursos de Pós-Graduação ministrados em algumas das nossas universidades, iniciando assim o trabalho de divulgação da ficção euclidiana no meio acadêmico.

Euclides Neto, Escritor Brasileiro

Euclides Neto é um escritor nascido no sul da Bahia e pertencente à geração de ficcionistas de 45, com seus tormentos e conquistas do após guerra. No Brasil, essa geração, de caráter complexo, veio amadurecer e ampliar os recursos do chamado Romance de 30, eclodido no nordeste.

www.linguagens.ufba.br
www.e-book.uefs.br

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL